

ESPIRITUALIDADE EM EDUCAÇÃO: UM VIÉS DA PRÁXIS DOS DIREITOS HUMANOS NO RECONHECIMENTO À ALTERIDADE

Autor: Abraão Victor Lopes Silva

Pós graduando em Direitos Humanos (Lato-Sensu) pela Universidade Federal de Pernambuco(UFPE), e-mail: victorabraao928@gmail.com

Resumo: Que importância possuem a Espiritualidade e a Alteridade para corroborar uma educação em Direitos Humanos? Que caminhos ambas contemplam para uma educação no existir com o Outro, respeitosa à condição humana? É partindo de uma postura filosófica e antropológica que compreendemos aqui o evento da espiritualidade. Gravitando sobre a necessidade de ultrapassar as estruturas reducionistas e simplistas que nos rodeiam, admitindo que a vida possui razões que extrapolam a própria razão, a ideia é abrir espaço à discussão sobre as tramas de uma nova conexão entre homem e mundo, admitindo um sentido para além da religião tradicional.

São questões inspiradas pela filosofia de Emmanuel Lévinas, na qual abre-se a ideia da generosidade e da hospitalidade como dimensões éticas do agir humano. O objetivo do artigo é relacionar a dimensão ética de uma espiritualidade como engajamento com a própria concepção de educação e ensino; movimentos esses que, dentro de nossa concepção, deveriam promover o humano e o âmbito de sentido mais sublime que o tipifica. Um convite ao discente para instaurar no próprio mundo, ou “*ethos*”, a infinita relação com outrem através da interpelação do rosto do Outro - a abertura à sociabilidade, à fraternidade, bem como à justiça. Possibilitando ao educando uma subjetividade transcendente na ética do coabitar, ou melhor: no existir com-o-Outro no mundo secular. Uma Pedagogia da Alteridade com arcabouço ético-espiritual, propensa à construção do reconhecimento do diferente e englobante dos Direitos Humanos. Logo, justificada por ser atual e necessária em um mundo marcado pela ojeriza ao Diferente, pelo preconceito e a intolerância, tão presentes no ambiente escolar; por dar passos importantes rumo à Espiritualidade e a uma Pedagogia da Alteridade na relação ética, em defesa da vida; por vivenciar o processo de humanização do humano por meio da Alteridade e da Espiritualidade; e por descrever uma pedagogia transdisciplinar e da faculdade humana, com abertura ao mundo e que permita a aproximação do *ente* (o discente) às condições de empatia e sensibilidade; daí o significado de uma educação para sabedoria do amor.

Espera-se com o presente trabalho contribuir para uma valorização das diferenças, do respeito e da convivência harmônica entre as pessoas; proporcionando a Alteridade como necessidade do reconhecimento do diferente, reverberando o nós, a substanciação da Espiritualidade e do humanismo do outro homem.

Palavras-chave: Espiritualidade, Humanização, Alteridade, Educação, Filosofia.

Introdução

Vivemos tempos marcados por visões individualistas e fragmentadas, segundo as quais refletir o humano como extensão de si mesmo, ou seja, a alteridade e as diferenças, tornou-se algo perigoso e difícil. As marcas da intolerância, do preconceito e da violência são cada vez mais visíveis dentro e fora da esfera escolar. Pensar o “entre nós” hoje, em um contexto que reúna as diferenças e permeie de sentido a humanidade desguarnecida de visões empáticas e de proximidade, compreende ver o mundo de maneira englobante e superar a esfera de um solipsismo moral por uma natureza multicultural (o humano, a abertura à pluralidade). Sendo esse um modo determinado do

ser, cujo fim seja a modificação e a desconstrução da aversão às diferenças circunstantes e circundantes, já que:

A morte, a miséria e a própria violência são nossas estruturas, sendo provas consistentes de que o princípio fundamental da existência humana está em crise. O mal, em suas formas visíveis e invisíveis prevalece na negação da alteridade, na brutalidade da violência.¹

Portanto, a Terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal², uma vez que o mal-estar social hodierno, a doença de si, propicia comportamentos alérgicos à responsabilidade que evoca a tarefa no cuidado da outridade. Contemplando o apelo à intolerância, o fascismo e à bestialidade, “o externar do horror, sempre latente, pelo diferente”³ - a distorção de convivências mais íntimas, bem como em vias da afetividade, para o reverberar da condição humana tornam-se absurdamente banais ou, conforme o sociólogo Zygmunt Bauman⁴, líquidos.

A hipocrisia surge maior quando elegemos “prostitutas, ladrões, ruaceiros, bichas, bêbados”, como se fossem seres inimigos e separados da sociedade-ser que somos. Nossa sombra inapagável e intragável é projetada no Outro, no estranho, na Natureza. Falta leveza. Falta sabedoria.⁵ Permanecendo um problema original, a ser tratado à parte: o “homem não os reconheceria como seus semelhantes, seus próximos ou seus irmãos”⁶.

Pois todo problema reside na entrada do terceiro que deturpa a subjetividade humana, e o problema é esta perturbação.⁷ O terceiro é essencialmente o rosto dos excluídos, com os quais a proximidade não constitui um lugar no mundo atual, que nos obseda para:

(...) necessária justiça, quer dizer a comparação, a coexistência, a contemporaneidade, o ajuntamento, a tematização, a visibilidade dos rostos e, por aí, a intencionalidade e o intelecto e na intencionalidade e no intelecto, a inteligibilidade do sistema e, por-aí, também uma co-presença em pé de igualdade como diante de uma corte de justiça. A essência como sincronia: junto-num-lugar.⁸

¹ LÉVINAS, apud ALMEIDA, 2009, p. 193.

² ADORNO, T.; HORKHEIMER. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985, p.19.

³ SOUZA, Ricardo Timm de. **Lévinas e a Ancestralidade do Mal: por uma crítica da violência biopolítica**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012, p. 49.

⁴ Cf. BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

⁵ Cf. SAYÃO, Sandro; PELIZZOLI, Marcelo. **Fragmentos Filosóficos: direitos humanos e cultura de paz**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012, p. 93.

⁶ DERRIDA, Jacques. **O Animal que logo sou**. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p.65.

⁷ Cf. LÉVINAS, Emmanuel. **Autrement qu'être ou au-delà de l'essence**. Paris: Le Livre de Poche, 1990, p.245.

⁸ LÉVINAS, loc. cit.

Junto-num-lugar, residente à multiplicidade cultural, étnica e de gênero, a Terra, o *éthos* (em grego), a morada, o abrigo permanente no qual coabitamos. Se é morada ou casa, que em grego é *óikos*, não é algo pronto, mas aberto a ser sempre algo em construção e reconstrução, numa relação de meio e fim. Torna-se *éthos* enquanto conclama à justiça no acolhimento dos *entes* em redor, no exercer de nossa condição humana no mundo a partir do reconhecimento da face do outro homem e a garantia da vitalidade; porque “não é, portanto, uma simples regra de conduta, e sim um princípio da vida espiritual.”⁹

A saber, no encontro com Outrem, que se pronuncia como viés nutrido da sabedoria do amor, o real significado da Pedagogia da Alteridade: a práxis acolhedora da Pluralidade humana, condizente de sentido educacional, que se desdobra para o rosto do Outro. Visto que numa sala de aula há uma grande diversidade, não só religiosa, mas também étnica, social e de gênero, havendo convergências e divergências, semelhantes e diferentes interferem o tempo todo dentro das relações¹⁰.

Portanto, a sala de aula é um espaço garantido de encontro com a diversidade, destino para interpelação ética e abertura à transcendência – abertura do eu para o Outro -, que educar procura assumir o caminho como possibilidade de sentido educativo¹¹, no reconhecimento das faces, ou das diferenças, a Pedagogia da Alteridade, o agir ético - êxodo para a espiritualidade.

Metodologia

A pesquisa está embasada em cunho bibliográfico, disposta a investigar o silêncio educacional quando se envolvem os processos de humanização do humano, entendendo o agir ético como exercício espiritual, e promissor para o reconhecimento da Alteridade. Não o percebendo de maneira ingênua, como algo atrelado à religião, porém no:

Colocar-se perante novas possibilidades de ser. [...] preocupar-se com a existência, [...] inquietar-se com a existência humana, esboça, desde já, o horizonte do ser em geral, do ser verbo, único em questão nessa inquietação: ela esboça-o precisamente porque ele não é um conceito, mas aquilo que temos de assumir.¹²

⁹ LÉVINAS, Emmanuel. *Difícil Libertad*. Madrid: Caparrós, 2004, p. 26.

¹⁰ Cf. SILVA, Marínilson Barbosa da. **Em busca de significado do ser professor de ensino religioso**. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, 2010, p.13.

¹¹ ROSA, Luis Carlos Dallas. **Educar para a sabedoria do amor: alteridade como paradigma educativo**. São Paulo: Paulinas, 2012, p.17.

¹² LÉVINAS, Emmanuel. **Descobrir a Existência com Husserl e Heidegger**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997, p. 99-100.

Assumir-se como responsáveis para o salvaguardar da dignidade e da vitalidade humana, isto é, “um eu ético, em prioridade do para o Outro”¹³ pelo qual citou o escritor russo Fiódor Dostoievski na obra *Os Irmãos Karamazov*: “Nós somos todos responsáveis por tudo e por todos, diante de todos, e eu mais do que todos os outros”¹⁴.

Porque “não nos basta perguntar pelo ser da vida e do mundo; é necessário que nos perguntemos que sentido pode – ou deve – assumir a pergunta pelo ser da vida e do mundo.”¹⁵ Consoante o pedagogo judeu Martin Mordechai Buber, em uma conferência “Sobre o Educacional” (*Über das Erzieherische*), datada de 1919, é o soar anacrônico nos tempos hodiernos: “Confiança, confiança no mundo, porque existe essa pessoa – isso é a obra mais íntima da relação educacional”¹⁶ Ainda conforme Buber:

No mundo através dos seus acontecimentos do dia-a-dia que se dirigem a mim. Tudo o que acontece diz algo a mim de uma forma única, numa linguagem nunca antes pronunciada. Nós respondemos ao instante, mas respondemos ao mesmo tempo por ele, somos responsáveis por ele.¹⁷

O instante atual, no mundo em que os *entes* coabitam, não está motivado a ter confiança em sua pluralidade. Podemos dizer que “vivemos numa desconfiança abrangente”¹⁸, que teve seu início por meio também de pensadores como Nietzsche, Marx, Freud (os mestres da suspeita). Eles se opuseram à quimera idealista de seu tempo. Em nosso período hodierno a situação se agrava ainda mais, à medida que as instâncias que, apresentaram-se confiantes, estão fragmentadas por “cobiça econômica e do poder público-político, confirmando de forma sempre inquestionável a justeza desconfiança.”¹⁹

Zygmunt Bauman, descreve que tal desconfiança estimula desejos conflitantes de estreitar laços, logo: Será que numa situação em que a desconfiança se tornou universal, em que o ‘Bem’ no mundo está sendo negado, portanto num mundo de desconfiança completa, da desconfiança como postura geral da vida, não existe mais espaço para a confiança? Será que o ser humano pode ser condenado pelo espírito de uma época a desacreditar na possibilidade de uma vida digna, orientada pela busca do bem, do belo e do verdadeiro? Consoante Bollnow:

¹³ LÉVINAS, ibidem, p. 238.

¹⁴ LÉVINAS, Emmanuel. *Éthique et infini*. Paris, Fayard, 1982, p.98. [Paris, Le Livre de Poche, 1984]

¹⁵ SOUZA, apud CARBONARI; COSTA; DALMAS, 2012, p. 35.

¹⁶ BUBER, apud RÖHR, 2012, p.41.

¹⁷ BUBER, Martin. *Do Diálogo e do Dialógico*. São Paulo: Perspectiva, 2014, p. 9.

¹⁸ BOLLNOW, apud RÖHR, 2012, p.41.

¹⁹ RÖHR, Ferdinand. *Diálogos em Educação e Espiritualidade*. Recife: Ed. Universitária UFPE, 2012, p. 42.

Se deve existir uma vida humana que faz sentido, aí tem que existir uma verdade de consolo que sustenta, uma verdade que suscita confiança na vida e que por si é condição prévia para possibilitar qualquer iniciativa para um futuro melhor.²⁰

A saber, “ter fé, significa ter confiança no significado da vida e esperar que aquilo que fazemos ou desistimos de fazer terá uma importância duradoura.”²¹

Estamos falando, aí, da confiança em si, sem qualquer determinação específica, e compreendemos por essa, não a confiança em relação a esse ou aquele ser, mas uma confiança que se encontra por trás de qualquer confiança singular, uma confiança que é condição de qualquer confiança em si, sem objeto singular determinado, como a que surge de uma sensação de proteção profunda e confortante.²²

Pois “o amor a vida não ama o ser, mas a felicidade do ser”²³ - no “estar sendo com os outros, com o mundo”²⁴; ou melhor: a “partir da relação concreta entre um eu e um mundo”²⁵, “uma relação não alérgica com a alteridade, descobrir [...] o desejo – onde o poder, por essência assassino do Outro, se torna em face do Outro e ‘contra todo bom senso’ impossibilidade do assassino, consideração do Outro ou justiça”²⁶. E:

Na existência, um acontecimento diferente do da transcendência [...] expressão que se dirige para luz [...] a maneira de existir [...] em retirar-se para o outro lado [...] quando situamos o Outro como liberdade, pensando-o em termos de luz. [...] Há que reconhecer o seu lugar excepcional nas relações [...] a relação com a alteridade, com o mistério, isto é, com o futuro, com aquilo que, num mundo onde tudo está dado.²⁷

De forma mais clara, o filósofo lituano-francês Emmanuel Lévinas (1906 - 1995), esclarece em seu livro *Totalidade e Infinito*: “ao desvelamento do ser em geral, como base do conhecimento e como sentido do ser, preexiste à relação com o *ente* que se exprime; no plano da ontologia, o plano ético”.²⁸ Concretamente, no sentido educacional, a *Pedagogia da Alteridade*: “a qualidade do educando que encontra a do mundo, da diversidade real [...] Pois a educação é uma questão entre diferentes, e não entre in-diferentes”²⁹. Porque, quando acontecem esses encontros, abre-se, através

²⁰ BOLLNOW, apud RÖHR, 2012, p.42.

²¹ BAUMAN, Zygmunt. **A Sociedade Individualizada**: vidas contadas e histórias vividas. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 196.

²² BOLLNOW, apud RÖHR, 2012, p.43.

²³ LÉVINAS, Emmanuel. **Totalidade e Infinito**. Lisboa: Edições 70, 1980, p. 129.

²⁴ SOUZA, apud CARBONARI; COSTA; DALMAS, 2012, op. cit.

²⁵ LÉVINAS, Emmanuel. **Totalidade e Infinito**. Lisboa: Edições 70, 2000, p. 25.

²⁶ LÉVINAS, 2000, op. cit., p. 34.

²⁷ LÉVINAS, 1982, op. cit., p. 59-60.

²⁸ LÉVINAS, 2000, op. cit., p. 180.

²⁹ SOUZA, apud CARBONARI; COSTA; DALMAS, 2012, op. cit., p. 37.

do amor, outro mundo, em que não só a imagem do homem se transforma, mas, além disso, a do mundo como um todo. Scheler talvez alertou, pioneiro, que determinadas experiências do Ser só são acessíveis ao homem que ama. O amor como órgão metafísico.³⁰

Logo, a reflexão enquanto Pedagogia da Alteridade repercute a confiança no ser, enquanto valor metafísico, descrição de uma integralidade ética. Ela provoca no educando o desequilíbrio em suas dimensões imanentes, para abertura do mesmo à Outridade, “condição indispensável na vida humana”³¹ para o agir ético, pois “a dimensão ética encontra seu sentido espiritual no profundo respeito diante do diferente”³². Ela é uma conquista do indivíduo alicerçada a liberdade, ou a “convivência aberta com o outro, testemunhando-a não só em confissões verbais, mas no engajamento de atos concretos”³³ respeitosos a humanidade e aos Direitos Humanos; uma ruptura ardilosa na relação do Eu ao múltiplo, porque “educar é possibilitar a relação”³⁴ - “a misteriosa descoberta do outro, a quem dar-se sem perder-se, realizando a plenitude na união”³⁵.

Resultados e discussão

É importante notar a real necessidade que temos ao estabelecer a equidade social por meio da Educação, da Espiritualidade e dos Direitos Humanos. Observar os fatores que fizeram emergir o senso de justiça, no intuito de interligar-se de forma abrangente ao Outro, o injustiçado, por meio da valorização da condição humana. Pois, “toda sociedade em si, está em guerra”; não se trata aqui, de uma guerra entre os países com seus interesses particulares somente, todavia uma guerra civil, na qual homens digladiam-se uns contra os outros, por conta de seus objetivos egocêntricos. Por conseguinte:

Uma Guerra Fria para os que a fazem; guerra quente aos que sofrem. Coexistência pacífica para os que fabricam armas; existência sangrenta para aqueles que são obrigados a comprá-las e usá-las. O espaço como campo de batalha, como geografia estudada para vencer estratégica ou taticamente o inimigo.³⁶

O inimigo subentende-se como o diferente, ou o Outro, inerente ao espaço onde habitamos com os demais *entes* da Terra. O espaço, nada mais é do que, “o espaço político, daquele que

³⁰ BOLLNOW, apud RÖHR, 2012, p.45.

³¹ BOLLNOW, apud RÖHR, 2012, p.44.

³² RÖHR, Ferdinand. **Educação e espiritualidade**: contribuições para uma compreensão multidimensional da realidade, do homem e da educação. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2013, p.111.

³³ RÖHR, 2012, op. cit., p.44.

³⁴ SOUZA apud CARBONARI; COSTA; DALMAS, 2008, op. cit., p.36.

³⁵ RIBEIRO JÚNIOR, apud CORRREA JÚNIOR, 2013, p.28.

³⁶ DUSSEL, Enrique D. **Filosofia da Libertação na América Latina**. São Paulo: Loyola, 1977, p. 08.

compreende todos os espaços [...] no qual se exerce o poder sobre o controle dos exércitos”³⁷. A saber: o espaço sobre jogos de interesse que proporcionam ao Outro a conjuntura do inumano, assim como o reflexo “do fracasso pedagógico moderno, particularmente doloroso de se contemplar. [...] A escola também, não consegue cumprir as promessas de integração social.”³⁸

Logo, a educação deve voltar-se para o agir ético, “a própria espiritualidade, significa o início da própria humanização no seu sentido mais profundo”³⁹, uma conversão radical (*metanoia*), uma transformação na maneira mesma do ser do sujeito, ao qual “envolve a pessoa por inteiro. Exige dela um comprometimento com ela mesma, uma identificação que gera uma sincronia desse sentido com a própria postura da vida”⁴⁰, tal qual reforçou o filósofo da alteridade Emmanuel Lévinas⁴¹: “Ser dominado pelo Bem, [...] uma interioridade que precede a liberdade, [...] é obediência a um valor sem antevalor”, no reconhecimento do rosto do Outro, por sua vez, algo, para além da religião.

Significa então dizer que o fenômeno perpassa a religião. Uma experiência importante para reverberar a vida humana: no entanto, as raízes são bem mais profundas. Concomitantemente, a espiritualidade, transcende dogmas, ritos e a institucionalização; ela é um processo transpessoal de mudança e transformação da maneira de pensar o mundo e ver o Outro, longe de qualquer subjetividade ou “eu”. Pois, consoante Grof:

As religiões organizadas tendem a criar sistemas hierárquicos que se concentram na busca do poder, controle, política e dinheiro, posses e outras preocupações [...]. Nessas circunstâncias, desestimulam as experiências espirituais diretas de seus membros.⁴²

A religião tornou-se, por assim dizer, na visão de Grof, uma prática institucionalizada maculando a espiritualidade. Ela perdeu suas origens, antes imbricadas ao contexto espiritual por simplesmente religar-se (*religere*) à formalismos vazios, que empatam a descoberta do sujeito perante o Outro e perante o mundo.

³⁷ DUSSEL, 1977, op. cit.

³⁸ FREITAS, apud RÖHR, 2012, p.53.

³⁹ RÖHR, Ferdinand. **Educação e espiritualidade**: contribuições para uma compreensão multidimensional da realidade, do homem e da educação. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2013, p.174.

⁴⁰ RÖHR, Ferdinand. Ibidem, p.33.

⁴¹ LÉVINAS, Emmanuel. **Humanismo do outro homem**. Petrópolis: Vozes, 2012, p.83-84.

⁴² GROF, S.; GROF, C. **Respiração Holotrópica: uma nova abordagem de autoexploração e terapia**. Rio de Janeiro, 2010, p. 27.

Ao abordar a espiritualidade, o ego humano, “o eu”, se torna um ego mais elevado, ou melhor: um ego mundano. Tal ego mundano vem a valorar as relações do homem entre os seus, bem como o homem e o *Ethos* como *experiências fundamentais*. Porque:

A espiritualidade é uma dimensão natural e de grande importância [...] a busca espiritual é um desafio humano legítimo, totalmente justificado. No entanto, é preciso enfatizar que isso se aplica à espiritualidade genuína, com base na experiência pessoal, e não significa um apoio a ideologias e dogmas de religiões organizadas.⁴³

Concomitantemente, educar para a espiritualidade significa, por sua vez, educar, enquanto expressão de uma sabedoria que conclama cada pessoa a significar sua vida a partir do critério ético, que se volve ao rosto do indigente, da viúva, do órfão, do estrangeiro, na contramão de uma cultura de morte do humano⁴⁴; educar no desvelamento (*Alétheia* em grego antigo: *ἀλήθεια*, “veracidade”) dos fatos decorrentes, isto é, no descobrir do “por que a humanidade, em vez de entrar num estado verdadeiramente humano, está se afundando numa nova espécie de barbárie”⁴⁵. Uma sociedade hodierna, evoluída e amplamente esclarecida, que se afunda numa crise de dimensões ambientais (crise com a natureza), dimensão sócio-espiritual (crise na relação com o outro) e dimensão mental (o mal-estar da civilização / o mal-estar da sociedade).

Visto que, assim como o introdutório agir ético, ou a Espiritualidade, que por dizer, englobantes da Pedagogia da Alteridade; quando falamos de Direitos Humanos como o exercício da Outridade, nos referimos em repensar o contemporâneo na condição de salvaguardar a vida e, estabelecendo os limites ante a barbárie (ou a catástrofe), para promoção da ordem humana expressiva perante a dor do Outro. Reconhecendo-o como o diferente e protegendo-o.

A espiritualidade em educação tem como viés ir de encontro a modelos que desprezam a vida ou a pluralidade humana - modelos da morte do Outro. A partir de sua dignidade como tal, ou a sua condição humana - devemos educar o olhar no ponto de vista do Outro, no reconhecimento, a Pedagogia da Alteridade, nos frutos da justiça, equidade e o amor. Perceber o que é comum, não o que é igual, ou seja, a própria vida como uma dádiva ou um presente da ordem da surpresa ou da ordem do milagre, por meio do amor espiritual (o agir ético), o amor cujos fins são desinteressados, que não tem um fundo de interesse, o amor que “contribui para humanização do homem”⁴⁶, o que

⁴³ GROF, 2010, op. cit., p. 25.

⁴⁴ ROSA, Luis Carlos Dallas. **Educar para a sabedoria do amor**: alteridade como paradigma educativo, 2012, p.155.

⁴⁵ ADORNO; HORKHEIMER, 1985, op. cit., p.11.

⁴⁶ RÖHR, Ferdinand. **Educação e Espiritualidade**: contribuições para uma compreensão multidimensional da realidade, do homem e da educação. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2013, p. 155.

do contrário, o tornaria maculado. O amor que não vê no Outro, barreiras, em meio a uma sociedade hodierna, regida pelo individualismo, narcisismo, preconceito, ódio e ojeriza ao diferente.

A filosofia levinasiana, propõe, então, uma nova forma ética de amar: “a sabedoria do amor”⁴⁷, um elemento antipolítico capaz de afetar a outrem e, que também, o ‘eu’ pode ser afetado pela caridade (o amor). O amor que percebe o rosto do outro como sendo ‘Santo’, “termo em hebraico utilizado por Lévinas é *Kadosh*”⁴⁸; in-tocável, o qual não se pode tocar, ou que não se pode matar. O matar, aí referido, não se limita a “tirar a vida” somente, “mas renunciar em absoluta à compreensão”⁴⁹ e o diálogo, a falta de empatia, a alteridade – uma reação “alérgica” ao Outro.

Conforme Emmanuel Lévinas, a sabedoria do amor, resulta numa:

Nova significância de espírito nesta significativa (sensé), que não reside no pensamento que se apropria do outro da natureza ou que, na poesia e na arte, celebra, isto é, manifesta a habitação no mundo. [...] Ela é, a responsabilidade ética e na obrigação para com outrem, relação com a transcendência enquanto transcendência. [...] Amor comandado pelo rosto do outro homem.

Logo, a escola, constitui-se o local do desabrochar da alteridade, a possibilidade do encontro do amor comandado pelo rosto do Outro; um tempo e espaço no qual se “tecem intermitentes e inusitadas manifestações que interpelam o sujeito pela condição do próximo.”⁵⁰ A escola é a possibilidade da condição humana, ela é uma aposta no caminho levinasiano, “o outro despertando no mesmo, é o outro no mesmo sem alienar, [...] tal excelência na bondade”⁵¹, o que se entende como Pedagogia da Alteridade, através da lucidez do meu pensar, em amor, como essência mais íntima, “ser-a-si-mesmo e amor são idênticos”⁵², porque “o encontro com o outro é um acontecimento decisivo que marca o começo de nossa própria existência”⁵³.

Conclusões

O rosto do outro é uma realidade do qual não tenho como me esquivar. Toda situação de exclusão e marginalização do outro ser humano mexe comigo, gera um apelo que solicita uma resposta. Segundo o filósofo argentino Enrique Dussel, é irrefutável que não deveremos ter “uma

⁴⁷ LÉVINAS, 1980, op. cit., p. 05.

⁴⁸ DERRIDA, Jacques. *Force de Loi: le fundament mystic de l'auterité*. Cardozo Law Review, vol. 11: 919, 1990, p. 958.

⁴⁹ LÉVINAS, 1980, op. cit., p. 177.

⁵⁰ ROSA, 2012, op. cit., p. 189.

⁵¹ LÉVINAS, Emmanuel. *Novas Interpretações Talmúdicas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 195.

⁵² RÖHR, 2012, op. cit., p. 30.

⁵³ GUIMARÃES, Marcelo Rezende. *Um Novo Mundo é Possível*. São Leopoldo: Sinodal, 2004, p. 70.

resposta responsável pelo apelo do outro. [...] a responsabilidade [...] que é anterior a qualquer consciência”, isto é, “a condição para o indivíduo singular possa escolher a coisa decisiva”⁵⁴

“Equivale em considerar a própria realidade ética como infinitamente mais importante do que a história universal”⁵⁵. Já que se constitui uma “tarefa de transformar a si mesmo em um instrumento que exprima o humano na existência”⁵⁶, ou melhor:

Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciando, por sua vez, se volta problematizando aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles um novo pronunciar. Não é no silêncio que os homens fazem, mas na própria palavra, no trabalho, na ação-reflexão.⁵⁷

Na reflexão, enquanto “palavra que se manifesta como rosto, que evoca uma relação magistral”⁵⁸, o agir ético, ou a espiritualidade. Como ordem do amor, no amor como edifício, “no amor privilegiado de seu amado, em que o mandamento de amar se repete e se renova, indefinidamente, na repetição e na renovação do amor que ordena o amor”⁵⁹.

Pode-se dizer, em última instância, que o “rosto do outro” não é uma ideia ou conceito representativo. O “frente a frente” é relação direta, sem mediações dos conceitos, das ideias e das teorias”⁶⁰; ele é uma cifra para se educar a hospitalidade, “significa entender que o outro é bem-vindo”⁶¹ - no “[...] gesto de acolhimento, [...] oferecidos ao Outro [...] em que a hospitalidade abre-se como intencionalidade”⁶². Intencionalidade que remete “o humano a é essa possibilidade de santidade”⁶³ - “O ser Humano como um fim sagrado, digno de ser preservado em sua integridade e inviolabilidade”⁶⁴ nos “encontros de amor”⁶⁵, o reverberar de uma Pedagogia da Alteridade, no agir ético (a espiritualidade), práxis respeitosa aos Direitos Humanos.

Referências

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

⁵⁴ ALMEIDA, 2009, op. cit., p. 48.

⁵⁵ KIERKEGAARD, Sóren. **Temor e Tremor**. São Paulo: Abril Cultural, 1993, p. 473.

⁵⁶ KIERKEGAARD, apud ALMEIDA, 2009, op. cit., p. 50.

⁵⁷ FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2005, p. 90.

⁵⁸ ROSA, 2012, op. cit., p. 199.

⁵⁹ RIBEIRO JÚNIOR, Nilo. **Sabedoria da Paz**: ética e Téo-lógica em Emmanuel Lévinas. São Paulo: Loyola, 2008, p. 254.

⁶⁰ ROSA, 2012, op. cit., p. 184.

⁶¹ ROSA, loc. cit.

⁶² DERRIDA, Jacques. **Adeus a Emmanuel Lévinas**. São Paulo: Perspectiva, 2013, p. 66.

⁶³ SAYÃO, 2013, op. cit., p. 41.

⁶⁴ SAYÃO; PELIZZOLI, 2012, op. cit., 61.

⁶⁵ RÖHR, 2012, op. cit., p. 45.

ALMEIDA, Jorge Miranda de. **Ética e Existência em Kierkegaard e Lévinas**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

_____. **A sociedade Individualizada: vidas contadas e histórias vividas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BUBER, Martin. **Do Diálogo e do Dialógico**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

CARBONARI, Paulo César; COSTA, José Andre da; DALMAS, Giovana. **Ética, Educação e Direitos Humanos: estudos em Emmanuel Lévinas**. Passo Fundo: Instituto Superior de Filosofia Berthier, 2008.

CORREA JÚNIOR, João Luiz. **O Amor Em Suas Múltiplas Formas**. São Paulo: Paulinas, 2013.

DERRIDA, Jacques. *Force de Loi: le fundament mystic de l'auterité*. Cardozo Law Review, vol. 11: 919, 1990.

_____. **O Animal que Logo Sou**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

_____. **Adeus a Emmanuel Lévinas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

DUSSEL, Enrique D. **Filosofia da Libertação na América Latina**. São Paulo: Loyola, 1977.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

GROF, S.; GROF, C. **A Tempestuosa Busca do Ser: um guia para o crescimento pessoal através da crise de transformação**. São Paulo: Cultrix, 1994.

_____; _____. **Respiração Holotrópica: uma nova abordagem de autoexploração e terapia**. Rio de Janeiro: Capivara, 2010.

GUIMARÃES, Marcelo Rezende. **Um Novo Mundo É Possível**. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

KIERKEGAARD, Sóren A. **Temor e Tremor**. Tradução de Maria José Marinho. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

LÉVINAS, Emmanuel. **Totalidade e Infinito**. Lisboa: Edições 70, 1980.

_____. **Ética e Infinito**. Lisboa: Edições 70, 1982.

_____. *Autrement qu'être ou au-delà de l'essence*. Paris: Le Livre de Poche, 1990.

_____. **Descobrimos a Existência com Husserl e Heidegger**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

_____. **Totalidade e Infinito**. Lisboa: Edições 70, 2000.

_____. *Difícil Libertad*. Tradução Juan Haidar. Madrid: Caparrós, 2004.

_____. **Entre Nós: ensaios sobre a alteridade**. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. **Humanismo do outro homem**. Petrópolis: Vozes, 2012.

MEARLEAU-PONTY, Maurice. 2 ed. **A Natureza**: curso do Collège de France. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

RIBEIRO JÚNIOR, Nilo. **Sabedoria da Paz**: ética e Téo-lógica em Emmanuel Lévinas. São Paulo: Loyola, 2008.

RÖHR, Ferdinand. **Educação e Espiritualidade**: contribuições para uma compreensão multidimensional da realidade, do homem e da educação. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2013.

_____. **Diálogos em Educação e Espiritualidade**. 2ª ed. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.

ROSA, Luis Carlos Dalla. **Educar para A Sabedoria do Amor**: a alteridade como paradigma educativo. São Paulo: Paulinas, 2012.

SAYÃO, Sandro Cozza; PELIZZOLI, Marcelo. **Fragments Filosóficos: direitos humanos e cultura de paz**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.

SAYÃO, Sandro Cozza. **Lévinas entre nós**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013.

SILVA, Marínilson Barbosa da. **Em busca de significado do ser professor de ensino religioso**. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, 2010.

SOUZA, Ricardo Timm de. **Lévinas e a Ancestralidade do Mal**: por uma crítica da violência biopolítica. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.